



Duas décadas de GPTEC: Uma trajetória de lutas e de partilha

Two Decades of GPTEC: A Trajectory of Struggles and Sharing

Dos décadas de GPTEC: Un camino de lucha y de compartir

■ Suliane Sudano¹

e-mail: suliane.sudano@gmail.com

Resumo

A partir dos conceitos de bons encontros e noções comuns presentes na filosofia de Espinosa, busca-se compreender o grau de partilha desenvolvido ao longo da trajetória de encontros anuais do Grupo de Pesquisa Trabalho Escravo Contemporâneo (GPTEC) e sua importância para o combate à escravidão. Ao tomar como objeto de pesquisa os eventos organizados pelo grupo de pesquisa da UFRJ em parceria com outras universidades, o artigo traz reflexões sobre os modos de relação construídos e compartilhados, expondo afetos e efeitos dos encontros. Metodologicamente, articula-se empiria e reflexão filosófica, por meio da realização de entrevistas e pesquisa bibliográfica. As reflexões resultantes deste estudo apontam para a capacidade dos bons encontros de aumentarem a potência de ação dos sujeitos no contexto de experiências coletivas.

Abstract

Based on the concept of good meetings and common notions present in Espinosa's philosophy, we sought to understand the degree of sharing developed throughout the trajectory of annual meetings of the Contemporary Slave Labor Research Group (GPTEC) and its importance for the fight against slavery. By taking as the object of the research the events organized by the UFRJ research group in partnership with other universities, the article brings reflections on the modes of relationship constructed and shared, exposing affections and effects of the meetings. Methodologically, it combines empirical and philosophical reflection, through interviews and bibliographical research. The reflections resulting from this study point to the capacity of good meetings to enable an increase in the subjects' power of action in the context of collective experiences.

Palavras-chave: bons encontros, noções comuns, trabalho escravo, potência

Keywords: good dates, common notions, slave labor, potency

Palabras-clave: buenos encontros, nociones comunes, trabajo esclavo, potencia

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e graduada em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisadora do GPTEC/NEPP-DH/UFRJ. E-mail: suliane.sudano@gmail.com

Introdução

O Grupo de Pesquisa Trabalho Escravo Contemporâneo (GPTEC), localizado no Núcleo de Estudos de Políticas Públicas em Direitos Humanos – Suely Souza de Almeida (NEPP-DH) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), desenvolve estudos e pesquisas sobre escravidão contemporânea no Brasil desde 2003. A Reunião Científica Trabalho Escravo Contemporâneo e Questões Correlatas acontece anualmente e envolve pesquisadores de diversos centros de pesquisas e universidades do Brasil e do exterior. Ocorre em diferentes estados, englobando diversas áreas do saber como sociologia, história, direito, serviço social, filosofia, antropologia, comunicação, psicologia e geografia. Essa pluralidade enriquece muito as pesquisas pela complementação e interação entre os saberes.

A observação do desenvolvimento de pesquisas e a participação na organização suscitou em mim o interesse em compreender um pouco mais sobre as composições ali constituídas. A pesquisa que resultou neste artigo foi apresentada na XVI Reunião Científica, realizada em novembro de 2023, momento em que aconteceu a comemoração dos vinte anos de existência do GPTEC.

Metodologicamente, busquei aliar a empiria ao exercício da abstração, por meio de pesquisa qualitativa com observação participante e da aplicação de questionários semiestruturados, elaborados junto a 14 pesquisadores do tema do trabalho escravo. Considerou-se as contribuições de sujeitos cuja presença e participação nos encontros foram significativas para a causa em questão e para suas vidas. A partir de suas falas, encontros são reconstruídos e seus efeitos, intensidades e composições são problematizados teoricamente.

Breve resgate histórico das lutas sociais

Depois das publicações da professora Neide Esterici (1994), da jornalista Alison Sutton (1994), do sociólogo José de Souza Martins (1995) e do professor e antropólogo Ricardo Rezende Figueira (1997), que se empenharam na teorização do tema, o GPTEC foi o pioneiro coletivo a, organicamente, multiplicar esforços para dar visibilidade à escravidão contemporânea e inserir nos espaços acadêmicos o debate sobre o conceito de trabalho escravo contemporâneo, resultando em conquistas para o combate a práticas escravagistas.

A visibilidade que hoje se alcançou para o conceito nas esferas jurídica e acadêmica é resultado de processos de lutas sociais ocorridas desde a década de 1970. Com o projeto de ocupação da Amazônia, fundamentado na privatização da estrutura fundiária e na concentração e expropriação de terras, muitos trabalhadores da região perderam as condições de posse de terras para o trabalho e milhares passaram a se subordinar aos que se denominaram “proprietários” legais da terra, com apoio e incentivos fiscais do Estado. Com isso, foram lançadas as bases para o ressurgimento do trabalho escravo em

Artigo *Article*

novo contexto. Iniciaram-se, a partir disso, os esforços para dar visibilidade não apenas ao conceito, mas também ao sofrimento físico e psíquico de trabalhadores, por meio de denúncias, feitas especialmente por agentes da Comissão Pastoral da Terra (CPT), que uniram forças com agentes públicos, instituições jurídicas e sindicais no combate à escravidão (Figueira, Prado e Palmeira, 2021).

Na década de 1990, o Estado brasileiro assumiu a existência de práticas escravagistas no Brasil e houve acordo sobre a urgência em contê-las. Foi reconhecida, diante da Corte Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), a presença do trabalho escravo no país (Conatrac, 2017) e houve comprometimento com o desenvolvimento de políticas públicas para sua erradicação. Na mesma década, foi constituído, no Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), um grupo especializado para a fiscalização de situações de escravidão. Desde então e especialmente com medidas tomadas a partir de 2003, entre elas a alteração do artigo 149 do Código Penal¹, centenas de ações fiscalizadoras têm sido empreendidas e milhares de trabalhadores rurais têm sido resgatados de unidades de produção no campo e em área urbana. O governo brasileiro, com apoio de estudiosos do tema e militantes dos direitos humanos, promulgou dois planos nacionais para a erradicação do trabalho escravo.

Uma importante conquista foi a elaboração e publicização de cadastro das empresas envolvidas. Quando são registradas nesse cadastro, conhecido como “lista suja”, podem ficar impedidas de obter concessão de créditos e financiamentos em instituições estatais e agências regionais. As empresas são, então, monitoradas por dois anos consecutivos, tendo seus nomes retirados da lista somente após o pagamento de todas as multas resultantes da ação de fiscalização, da quitação de débitos trabalhistas e previdenciários e da regularização da situação dos trabalhadores, desde que não tenha havido reincidência. Outra conquista foi a emenda constitucional (EC) nº 81, aprovada em 2014, que prevê a expropriação de terras onde haja trabalho escravo, embora tenha gerado conflitos políticos e ideológicos no que se refere à regulamentação.

Com a mudança de governo, conviveu-se com dificuldades orçamentárias e indisponibilidade de força policial para as operações de resgates. A partir de 2018, houve drástica diminuição nas operações de fiscalização, bem como uma conjuntura política que desestimulava as denúncias. Desde o governo Temer e, especialmente, durante o governo de extrema direita que se instaurou no Brasil em 2018, observou-se a deterioração nas relações de trabalho e a desqualificação das instituições de fiscalização. Em 2023, outro cenário se apresenta com a eleição do governo de Frente Ampla e, apesar dos conflitos e pressões políticas por parte de conservadores vinculados à extrema direita, novas perspectivas se abrem.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas no período anterior, em que se somava à proposta extremista de governo uma pandemia que abalou o mundo, as pesquisas e os encontros anuais do GPTEC continuaram acontecendo de forma remota. O grupo tem um legado de lutas e conquistas, tendo publicado 14 livros e dezenas de artigos. A partir dos conteúdos das pesquisas realizadas, foram produzidos, ainda, cinco documentários referentes ao projeto Escravidão no Século XXI, com a divulgação de histórias passadas

no Brasil; a série, dirigida por Bruno Barreto, foi exibida pela HBO em 2018. No GPTEC acontecem também projetos de extensão universitária e orientações a trabalhos de conclusão de curso de graduação e dissertações de mestrado, sempre dedicados ao tema em diálogo e interrelação com outros temas de estudos, como imigração (de chineses, bolivianos e congoleses), questões de gênero e fatores rurais e urbanos, além de estudos que buscam compreender como a questão da escravidão no século XXI é recebida por operadores da justiça. São esforços realizados a partir de estudos empíricos e teóricos, no intuito de combater as práticas escravagistas e divulgar para a sociedade as complexidades que derivam desse problema.

Os afetos como referencial ético

Considera-se, neste estudo, conforme o filósofo Baruch Espinosa (2021) em sua teoria dos afetos, um sentido para a ética que transcende a moral fixada no bem e no mal. Ao se pensar a ética como paixões alegres e paixões tristes, chega-se à conclusão de que no encontro de um indivíduo com outros é possível que se constitua uma relação de composição ou de decomposição. Sente-se alegria quando ocorre um bom encontro; contrariamente, sente-se tristeza na ocorrência de um mau encontro, aquele em que pessoas ou ideias apresentam-se como uma ameaça à sua potência de pensar e de agir. A ética, então, define-se a partir dos modos de existência em arranjos que ocorrem nas relações entre os indivíduos - a forma como cada um afeta e é afetado em diferentes encontros.

A ética dos afetos desarticula o sistema de julgamento que afirma a existência e oposição dos valores do bem e do mal. Dessa forma, busca condições necessárias e suficientes que propiciem a superação do relativismo individual e a elaboração de juízos de valor válidos intersubjetivamente.

E é impossível que o homem não seja uma parte da natureza e que não siga a ordem comum desta. Se, entretanto, vive entre indivíduos tais que combinam com a sua natureza, a sua potência de agir será, por isso mesmo, estimulada e reforçada. Se, contrariamente, vive entre indivíduos tais que em nada combinam com a sua natureza, dificilmente poderá ajustar-se a eles sem uma grande mudança em si mesmo (Spinoza, 2021, p. 205).

Nessa perspectiva, a ética está relacionada com a ativação de certa orientação da subjetividade, que se define pelo caráter criador da vida como critério de valor. Isso vai além do sentido de ética como apenas o cumprimento de normas que determinam direitos e deveres apresentados como uma forma para a vida, uma orientação moral da subjetividade que não considera a criação (Rolnik, 1992).

Ao se apresentar a afetividade humana como cerne das relações e guia que

Artigo Article

sinaliza o caminho, a reflexão sobre a ética desloca-se dos fundamentos com base na moral e no julgamento, que residem em paixões tristes, para sinalizar o ponto comum em que os humanos se encontram e interagem. Trata-se de uma concepção que se contrapõe à tradição filosófica pensada a partir da transcendência situada além de todas as coisas e situações concretas, com afirmação de hierarquias valorativas entre o real e o ideal (Deleuze, 2008).

Ao se falar em moral, se está diante de uma qualificação valorativa, que indica um nível em que o outro é posto sobre julgamento de valores transcendentais, de bem e de mal. Com isso, abre-se a possibilidade de classificações, que podem propiciar a interrupção do encontro no que se refere à disposição para que os sujeitos se permitam ser afetados mutuamente. Ao se desarticular esse sistema de valor, torna-se possível a composição do coletivo com a emergência do comum nas relações. “Eis, pois, o que é a Ética, isto é, uma tipologia dos modos de existência imanentes, substitui a Moral, a qual relaciona sempre a existência a valores transcendentais” (Deleuze, 2002, p. 29).

Há um sentido para a ética que acata valores imanentes que serão produzidos a partir dos desejos intersubjetivos emergentes da composição. Como posto na tese de Espinosa, “não é por julgarmos uma coisa boa que nos esforçamos por ela, que a queremos, que a apetecemos, que a desejamos, mas ao contrário, é por nos esforçarmos por ela, por querê-la, por apetecê-la, por desejá-la que a julgamos boa” (Spinoza, 2021, p. 106). Enquanto se mantém o desejo comum, afirma-se a realização de atos que persistem em uma busca por aquilo que se apresenta ao grupo como bom.

A constituição de um desejo comum pôde ser apreendida nas falas de entrevistados(as). Relataram que, a partir de sentimentos tristes surgidos ao se depararem com o trabalho escravo contemporâneo, brotaram desejos de romper com a suposta causa daqueles afetos, a escravização de pessoas. Foram utilizadas palavras como “indignação”, “revolta”, “dor”, “frustração” e “desesperança”, afetos que parecem se aproximar do que Espinosa chamou de paixões tristes. Os desejos declarados foram de “liberdade”, “vontade de entender os contextos” e “construir narrativas que subsidiem políticas públicas de combate”, anseios por possibilidades de ações de transformação.

— Acho que o sentimento é de tristeza e desesperança, de ver que existem pessoas capazes de submeter outras e que existem pessoas em situação de tamanha vulnerabilidade. O desejo é de fazer algo para tentar colaborar e modificar a realidade, o desejo de poder de alguma forma contribuir para melhorar. (Pesquisadora do grupo há 8 anos)

— Meu sentimento é de indignação. Meu desejo é de estudar, pesquisar o tema e contribuir para sua erradicação. A rede de pesquisa nacional e internacional e as trocas de conhecimento nas reuniões científicas permitem a análise da totalidade do tema, que, conseqüentemente, contribuem para nossas pautas de lutas em prol de políticas de erradicação e promoção da dignidade laboral. (Pesquisadora do grupo há 20 anos)

— O sentimento é indignação. A impunidade é ponto central para o combate e enfrentamento do trabalho escravo contemporâneo. O desejo é de pensar cientificamente sobre o tema com o intento de gerar visibilidade acadêmica e social para o seu enfrentamento. (Pesquisador do grupo há 7 anos)

A indignação é definida como uma tristeza acompanhada da ideia de uma causa externa, “o ódio a quem fez o mal a um outro” (Spinoza, 2021, p. 114), sendo esse outro o que se tem como semelhante. Embora seja um afeto triste, a indignação pode desempenhar um papel significativo na ação coletiva. A filosofia de Espinosa não está pautada em uma tendência humanista que traduziria a natureza do ser humano voltada para o bem. Mas demonstra como a consideração do outro como semelhante pode atuar eticamente sobre o ser humano, com base em uma ética respaldada na imitação dos afetos.

A fala de uma pessoa entrevistada destacou-se por fazer referência ao momento do encontro com a escravização contemporânea levando em conta o fato de ter sido essa uma condição presente em sua própria trajetória de vida. Este foi o sentimento experimentado: “No meu caso, naturalidade. Afinal, do ponto de vista do trabalhador, isso é tão cotidiano que a gente naturaliza”. Embora a resposta não tenha explicitado um sentimento que possa ser nomeado como afeto triste ou alegre no sentido espinosiano, houve clareza quanto à emergência do desejo e confirmação sobre a importância do GPTEC como elemento propulsor da ação de combate:

— O desejo é sempre que todos nós, estudiosos do tema e aqueles que são alcançados pelo que produzimos, nos convertamos à defesa da dignidade humana em todas as situações e contextos. O GPTEC é um grupo colaborativo. A gente vê como nosso trabalho acadêmico pode ser significativo em termos de mudança de cultura. Então, sim, as reuniões motivam a avançar. (Pesquisador do grupo há 11 anos)

Esse mesmo pesquisador continua: “Minha surpresa foi encontrar tanta gente, muitos que exploram suas empregadas domésticas, admiradas com a existência do trabalho escravo hoje”. Essa questão sugere possíveis elementos empíricos a serem visitados no campo do trabalho escravo doméstico. Também nos convida a investigar o conceito de mimetismo afetivo, entendido como processo desencadeador de afetos por consonância mútua, examinado por Espinosa e presente na estrutura relacional em que a subjetividade humana é entendida pelo filósofo (Spinoza, 2021, p.116-117). Isso requer reflexões sobre identificações e alteridade, assunto que não será aprofundado aqui pelas restrições previstas para a escrita de um artigo. Mas a problematização pode ser de grande importância em futuras reflexões sobre o tema do trabalho escravo contemporâneo doméstico.

Os valores imanentes estão fundamentados na teoria dos afetos e no conceito de conatus, que, nas palavras de Deleuze (2002, p. 106-107) é

Artigo Article

[o] esforço para experimentar alegrias, ampliar a potência de agir, imaginar e encontrar o que é causa de alegria, o que mantém e favorece essa causa; mas é também esforço para exorcizar a tristeza, imaginar e encontrar o que destrói a causa de tristeza.

Desejo, alegria e tristeza são considerados afetos primários. O desejo, em seres humanos, é entendido não apenas como um esforço permanente para nos mantermos vivos, mas também como uma tendência constante de se buscar alegrias, pois não queremos tristezas. Esperança, segurança, reconhecimento, consideração, satisfação e amor estão entre aqueles categorizados como afetos alegres, em contraposição aos afetos tristes - desprezo, ódio, medo, desespero, decepção, indignação e inveja, entre outros. No desejo de se buscar cada vez mais alegrias, ou, nas palavras de Espinosa, de elevar nossa potência de ser e de agir, chegamos aos encontros, que podem ser bons ou não, a depender de como afetamos e somos afetados por outras pessoas e coisas nas relações cotidianas.

Os afetos implicam passagens e mudanças de estados nos corpos dos existentes, sejam eles humanos ou não. O corpo afeta outros corpos e por eles é afetado, sendo que os corpos se definem pelas afecções de que são capazes. De acordo com Deleuze (1997, p. 158), “as afecções variam segundo as cadeias de associação entre os corpos (o sol endurece a argila e derrete a cera, o cavalo não é o mesmo para o guerreiro e para o camponês)”. Os encontros possibilitam a transformação de um estado para outro, com aumento ou diminuição de potência. Portanto, o sujeito é entendido aqui na relação que estabelece com o outro e o seu contexto, em cada situação, em cada momento, a partir da forma como é afetado em cada experiência (Deleuze, 2008).

É possível que sejamos afetados de diferentes maneiras, considerando as circunstâncias apresentadas e as redes causais externas que nos conecta, como pode ser observado nestas falas:

— Em termos pessoais, penso que somos todos sensibilizados pela fragilidade das relações sociais no Brasil, em termos acadêmicos é uma troca. (Pesquisador do grupo há 11 anos)

— [A reunião anual do GPTEC é] um evento importante para discutir a temática na perspectiva acadêmica, política e jurídica. Também interessante a perspectiva interdisciplinar e afetiva dos encontros. (...) A especificidade da reunião científica é ser um grupo de especialistas que se reúne anualmente para trocar suas pesquisas, mas também suas experiências para além da academia. Portanto, tem um papel de afetividade muito interessante. (Pesquisadora do grupo há 12 anos)

— As trocas oportunizadas pelo GPTEC sempre nos alimentam a continuar seguindo com a temática, cada vez vista de um ângulo diferente pelos colegas e em contextos diversos. Este grupo também é capaz de gerar outras redes e [de] nos conectar com pessoas de diversos

lugares, de diversas áreas do conhecimento, para desvendar um objeto de estudo tão complexo e rico. (Pesquisadora do grupo há 12 anos)

Deleuze, ao teorizar sobre a ética de Espinosa, ressalta que “quando um corpo encontra outro corpo, uma ideia outra ideia, tanto acontece que as duas relações se compõem para formar um todo mais potente, e ao contrário, quando um decompõe o outro, destrói a coesão das suas partes” (Deleuze, 2002, p. 25). Aqueles que chegam a um encontro coletivo e participam das atividades, debates e reflexões compõem com outros novas relações, todos se modificam nesses contatos. Além disso, é preciso haver condições favoráveis para que o bom encontro aconteça. Ao se produzir aumento ou diminuição do grau de potência, os sujeitos são, em cada momento, o que são capazes de fazer e de sentir, pois, de acordo com as condições e relações presentes, o grau de potência poderá variar. Isso pode ser ilustrado na fala de uma das pesquisadoras:

— O primeiro sentimento que a gente tem é de revolta, de indignação [em relação a] como um ser humano pode ser tratado como não humano. Porque para mim escravidão é isso, é você ser tratado como não humano. E, ao mesmo tempo, existe uma frustração, porque a escravidão é útil para o sistema econômico que a gente vive. Então a gente faz aquilo que dá para fazer dentro dessa lógica. (Pesquisadora do grupo há 13 anos)

O que seria um *bom encontro*? Ele acontece quando dois ou mais corpos existentes se compõem de maneira que esta relação produza um aumento da potência criadora e, consequentemente, da capacidade de existir. Ao se ouvir uma canção ou assistir a um filme do qual se gosta muito, todo o corpo se compõe com a sonoridade da música ou o composto de imagens e sons do filme e, assim, a potência é aumentada. Quando as relações se arranjam na constituição de um bom encontro, algo a mais se produz a partir das partes envolvidas e as engloba, expandindo sua potência (Deleuze, 1980). Nas palavras de Deleuze (2002, p. 27) “o objeto que convém à minha natureza determina-me a formar uma totalidade superior que nos inclui, a ele e a mim”.

Todos os existentes definem-se, então, a partir de um grau de potência correspondente ao poder de afetar e ser afetado, expandindo ou contraindo as possibilidades. O poder de ser afetado traz a possibilidade de aumento de potência para agir, o que possibilita a busca pela liberdade. Em oposição a essa potência de agir, nos maus encontros se é tomado pela potência de padecer. Os afetos de alegria e tristeza são postos como possibilidades a partir do encontro entre os indivíduos. A afirmação e a seleção dos encontros ocorrem no acaso desses mesmos encontros, no cotidiano da vida. Afirma-se, a partir daí, o que se quer e o que não se quer realizar. Uma mente e um corpo ativos nos levam a determinados caminhos, formados a partir de um gênero do conhecimento em que há presença da razão, ainda que não se abra mão do campo imaginativo em que se manifestam os afetos passivos. Trata-se de conhecer melhor nossa relação com o mundo, o que traz chances de se escolher melhor os encontros, de nos tornarmos ativos na geração

Artigo *Article*

dos afetos, na alimentação de nossa potência em ato para sermos e agirmos.

À constituição de bons encontros, vincula-se um exercício de aproximação com o âmbito da razão, como demonstrado nesta fala:

— Na Europa, eles ainda estão muito arraigados em uma concepção de escravidão muito relacionada ao período da escravidão atlântica, tanto que não consideram trabalho degradante como sendo escravidão. O contato com a experiência brasileira me fez ter outra visão do que é ser livre. Isso eu acho que é um ponto fundamental. O Brasil consegue ressignificar o que é ser livre, né? Então não tem como ser livre sem ser digno. (Pesquisadora do grupo há 13 anos)

Os sujeitos, no cotidiano, na vida em seu aspecto mais amplo ou em espaços mais restritos, compõem relações de afeto, no sentido de serem afetados mutuamente. Definem-se ali corpos e mentes. Se em determinado encontro não é afetado, o sujeito simplesmente não está presente, ainda que esteja fisicamente. Está se falando de uma ética que se estabelece situada em contextos históricos e culturais. De encontros pode brotar a tristeza, o que levará à diminuição da potência de ação dos corpos e das mentes. Mas, também, a alegria e o aumento da potência de ação. Tristeza e alegria são afetos que emergem nos encontros dos humanos, entre eles e com as coisas do mundo.

O coletivo como via de reflexão prática

A “Reunião Científica Trabalho Escravo Contemporâneo e Questões Correlatas”, organizada pelo GPTEC em parceria com outras Universidades, tem como perspectiva a constituição de redes compartilhadas de entidades acadêmico-científicas. É este encontro, particularmente, que se tomou como foco para este estudo. Parte-se do pressuposto de que a maneira como se realiza o evento apresenta elemento diferencial de fortalecimento no trato com a questão da escravidão contemporânea. O entrosamento entre pesquisadores, docentes e discentes em uma composição plural permite a introdução de experimentações e de compartilhamento de saberes e de afetos, a cada ano. O evento foi definido por uma pesquisadora participante como “de extrema importância para a melhor compreensão das formas contemporâneas de escravização, com troca e aperfeiçoamento de conhecimento por meio de distintas perspectivas teórico-metodológicas”.

A referência acadêmica não está limitada a propostas metodológicas previamente estabelecidas para se pensar formas de combate às questões que oprimem e degradam a convivência em sociedade, especialmente a escravização. Há espaço para o exercício de uma razão independente a ser constituída pelo ser coletivo, que proclama a afirmação da vida na defesa de uma causa. Uma das pesquisadoras, que participa do evento há oito anos, o considera “mais profundo” por estarem os pesquisadores envolvidos com a mesma temática, ainda que em nível multidisciplinar. Outro pesquisador do grupo há 20 anos

corroborar essa visão:

— A dinâmica de convites possibilita que venham somente pesquisadores e agentes permanentes do tema. Isso produz continuidade e aprofundamento.

Parece ser um dos fatores de contribuição para a formação de conexões duradouras.

Na perspectiva filosófica adotada, entende-se que muitas ações efetivadas por quem compõem uma coletividade levam à emergência de novos seres humanos, permanentemente. As modificações e reconstituições que ocorrem cotidianamente são possíveis quando se toma a existência em si como algo de natureza coletiva. É o ser coletivo que, em sua essência, anuncia a existência da vida.

É útil ao homem aquilo que dispõe o seu corpo a poder ser afetado de muitas maneiras, ou que o torna capaz de afetar de muitas maneiras os corpos exteriores; e é tanto mais útil quanto mais torna o corpo humano capaz de ser afetado e de afetar os outros corpos de muitas maneiras (Spinoza, 2021, p. 182).

Dessa forma, a potência do humano, ao se realizar na coletividade, afirma-se como instância ético-política. Como os seres singulares, o ser coletivo se constrói a todo o tempo, e sua expressão revela-se em atos concretos produzidos por uma multiplicidade de corpos e mentes em relação.

— A cientificidade auferida pelo tema por diferentes campos do conhecimento enriquece o debate, fortalece as lutas e movimentos sociais. Os estudos de mestrado e doutoramento contribuem no avanço das reflexões, sem, contudo, perder de vista o aspecto social do fazer acadêmico. Neste sentido, o GPTEC trouxe ao longo dos anos o debate à cena acadêmica, que ajuda a iluminar os atores sociais no processo de enfrentamento e combate ao trabalho escravo contemporâneo. (Pesquisador do grupo há 7 anos)

Falar em composição coletiva requer transitar pelo conceito de noções comuns como referência ao desenvolvimento de pesquisas não descoladas de uma vida comum coletiva. Nos encontros do cotidiano, ainda que em meio a diversidades, há um esforço para se constituir algo comum. Noções comuns estão relacionadas à percepção do que é comum àquela realidade partilhada, à condição singular daquela relação ou composição. “É a condição da relação. Tudo está na relação; quando você atinge a condição da relação, você atinge a noção comum; e a noção comum não é um universal, não é um abstrato como era em Aristóteles” (Fuganti, 2016). Em Aristóteles, o princípio racional universal, lógos, reside em cada coisa existente, dando a cada uma delas uma essência. Assim, distingue-

Artigo Article

se o lógos da planta, o da pedra, o do homem. Em Espinosa há um único princípio para todas as coisas - o peixe, a planta, o homem, a pedra - ao qual nomeou como conatus. Ao se manifestar no humano como desejo, o conatus irá em busca de alegrias e de bons encontros.

Se a subjetividade humana é entendida como necessariamente forjada na experiência da coletividade, as noções comuns situam-se no campo da intersubjetividade. Afetos alegres brotam dos bons encontros que aumentam nossa potência corporal e mental. Como explicitado nessa fala: “Considero essencial essa interação, pois ela nos dá forças e nos permite conhecer pessoas que estão imbuídas do mesmo propósito” (Pesquisadora do grupo há 8 anos).

O aumento da potência de pensar, na geração de noções comuns, nos permite entender mais do mundo. Se concordarmos com a ideia de que o que nos faz alegres é o alcance de uma alegria no coletivo, por estar essa compreensão ancorada na natureza da existência humana, buscaremos ações nesse sentido. Disso se conclui que o esforço para perseverar na existência passa a ser também o esforço para proporcionar bons encontros com outros humanos, esforço de se formar o coletivo.

Ao falar em noção comum, não se trata de um otimismo racionalista a ser perseguido pela via da conscientização, tampouco de um consenso regulador de múltiplas racionalidades a partir de estratégias políticas. Trata-se, em vez disso, de uma compreensão sobre o que emerge das trocas, com base na inerência de processos afetivos ao próprio pensamento e na importância disso para o convívio em sociedade. “No caso da busca racional do que nos é verdadeiramente útil, nós compreendemos o que desejamos e desejamos porque compreendemos, de modo que nosso esforço para perseverar no ser é muito mais eficaz”. (Gleizer, 2025, p. 38)

A *noção comum* ocorre quando há capacidade de se compreender os efeitos que convêm em certas relações de composição que foram travadas. Essa capacidade vem de um esforço para se alcançar um patamar racional, acionado pelo desejo provindo daquelas relações (Spinoza, 2021). No caso do GPTEC, os efeitos provindos das relações permanentes entre os pesquisadores, que se fortalecem no encontro anual, foram ressaltados nas falas que se seguem:

— A profundidade com que os trabalhos acadêmicos são desenvolvidos, e posteriormente amadurecidos e publicados, certamente emana para todo sistema de justiça e comunicação social, importantes aliados na erradicação do trabalho escravo. (Pesquisadora do grupo há 8 anos)

— O diferencial das Reuniões Científicas Trabalho Escravo Contemporâneo e Questões Correlatas [em relação à] maioria dos eventos científicos é o fato de produzir debates e reflexões que favoreçam a criação de políticas públicas de combate e enfrentamento ao trabalho escravo contemporâneo no país. (Pesquisador do grupo há 7 anos)

- Um encontro interdisciplinar de pesquisadores que, além de produzir saberes para a academia e demais instituições de educação, alimenta a doutrina jurídica brasileira. (Pesquisador do grupo há 8 anos)
- Possibilidade de diálogo com diferentes sujeitos acadêmicos e profissionais que atuam na ponta. (Pesquisadora do grupo há 20 anos)
- O ponto mais importante é que todos/as participam de todas as apresentações, sem segmentar por grupo de trabalho, o que possibilita uma melhor análise de totalidade em torno da temática. (Pesquisadora do grupo há 20 anos)
- Um momento privilegiado de socialização e reflexão coletiva. Para além disto, as Reuniões Científicas Trabalho Escravo Contemporâneo e Questões Correlatas arregimentaram esforços acadêmicos que culminaram na visibilidade da temática, favorecendo o combate e enfrentamento do trabalho escravo contemporâneo. (Pesquisador do grupo há 7 anos)

O favorecimento para a criação de políticas públicas e decisões da Justiça, bem como a repercussão na mídia de casos de escravização são citados como consequências práticas dos debates e reflexões que se concretizam nos bons encontros realizados, não apenas no momento do evento, mas durante o ano inteiro.

Quando transitamos no campo da contingência e do possível há certa confusão na experimentação de sentimentos tristes e alegres, sem que se saiba muito bem como lidar com eles. Porém, isso vai se tornando mais claro a partir dos bons encontros que permitem a composição de relações em situações alegres vividas. Adotar a abordagem que afirma a inerência dos afetos no pensamento significa dizer que para se pensar melhor é preciso considerar o afeto presente. Para se compreender como relações boas ocorreram e o caminho para que continuem acontecendo, é preciso que se esteja alegre. As situações de contentamento oferecem as condições para esse entendimento. A noção comum, portanto, está relacionada à compreensão do que levou à produção do bom encontro. E, ao se conhecer o motivo que teria produzido aqueles afetos alegres, no sentido de afetar e ser afetado, compreende-se a importância de se manter as condições a fim de que se mantenham as alegrias ativas.

Uma *noção comum* compartilhada no grupo é a negação da violência no trato com os humanos. Entre as variadas vertentes de análises, ainda que sejam apresentadas pesquisas que partem de diferentes aportes teóricos e metodológicos, mantém-se essa noção como um norte e, dessa forma, mantém-se também o grupo. Ainda que o desejo que se estabeleceu no grupo, traduzido na luta contra a escravização e a violência nela intrínseca, possa ter se originado no campo imaginativo ou no âmbito moral, o mesmo

Artigo Article

desejo foi potente o suficiente para a conexão do grupo. Os efeitos dessa partilha presentes nas vivências e nas falas dos pesquisadores sugerem que as noções gerais surgidas inicialmente no grupo percorreram um caminho para a consolidação de noções comuns.

Diferentemente da ética deontológica presente na formulação filosófica segundo a qual seres são plenamente capazes de agir racionalmente motivados pelo dever, adotou-se outra ideia de ética vinculada à função desempenhada por afetos alegres na intersubjetividade. Trazendo para a situação concreta: não é apenas o entendimento do que está prescrito na Declaração Universal dos Direitos Humanos sobre ser moralmente inadmissível a violência entre os humanos que faz com que o GPTEC se mantenha unido no combate à violência em todas as suas formas. Mas, também, os processos afetivos que se desenvolvem na individuação do grupo e as noções comuns que daí emergem.

Persiste a proposta ética de se transformar afetos passivos em ativos. Deparamo-nos com afetos alegres, inicialmente, por estarmos reunidos, pela intenção de se trocar saberes ou por nos sentirmos confortáveis na presença de pessoas que admiramos de imediato, ou por não estarmos isolados. Diversos motivos nos trazem alegrias passivas. No entanto, nas alegrias ativas, há um componente a mais: ela arrasta nosso desejo para ações, no intuito de tornar mais pessoas alegres. Dessa forma, recompõe-se a existência, que, de um campo da passividade e da reatividade, desloca-se para a via da ação e da atividade.

Na existência, devemos conquistar aquilo que pertence à nossa essência. Justamente, só podemos formar noções comuns, mesmo as mais gerais, se encontrarmos um ponto de partida nas paixões alegres que aumentam primeiramente nossa potência de agir (Deleuze, 2017, p. 214).

As simples alegrias são experienciadas inicialmente em encontros cotidianos, no campo da imaginação, esfera ainda “marcada pela diversidade e parcialidade das perspectivas individuais”. (Gleizer, 2025, p.19) Porém, podem se desdobrar em ações alegres, ao se descobrir as causas que as produziram, condizentes com seus efeitos. Quanto mais se compreende, mais torna-se possível que se repitam as situações, que os afetos alegres possam se realizar e se tornar ativos, com aumento nas potências de afetar.

Cada pessoa que participa dessa jornada de lutas, em conjunturas políticas de avanços e retrocessos, conviveu com o esforço para extrair encontros do acaso e, no encadeamento das paixões tristes diante de situações de violência, selecionar os bons encontros, formar associação com os demais, de forma a ser afetado pela alegria. Essa capacidade de compor relações e desejos comuns na organização dos encontros identifica-se com o esforço da razão para unir-se com o que convém.

Espinosa demonstra que, sob a direção da razão ou na ação, os homens não se combatem uns aos outros, pois, conhecendo as noções comuns (ou as propriedades comuns às partes de um mesmo todo que as fazem convenientes entre si), sabem que é pela

concordância que cada um e todos aumentarão a força de seus conatus e sua própria liberdade. Em outras palavras, a razão ensina que é preciso fortalecer o que os homens possuem em comum ou o que compartilham naturalmente sem disputa, pois nisso reside o aumento da vida e da liberdade de cada um (Chauí, 2003, p. 160).

Nota-se um reconhecimento da importância de fortalecer a partilha para manter a unidade do grupo:

— O que a cada ano me fascina no encontro anual do GPTEC é a franqueza e elevada técnica nas observações dos trabalhos acadêmicos defendidos, além da relação de afeto e respeito construído ao longo desses anos. (Pesquisadora do grupo há 8 anos)

Produzir afetos alegres e, conseqüentemente, ações alegres, é tarefa difícil em um contexto social em que se convive com desigualdades, discursos de ódio e escravização. Parece estar a sociedade constituída para a tristeza, o ódio e a desesperança. Porém, somos afetados de muitas maneiras a cada dia, afetos que, muitas vezes, resultando de bons encontros, produzem também bons efeitos.

Considerações finais

Nota-se que se ultrapassa, nos encontros anuais do GPTEC, o olhar puramente pragmático que reduz tudo o que ali ocorre aos critérios da competitividade, tão presente no mundo contemporâneo. Embora haja seriedade e responsabilidade mútuas no que se refere ao desempenho dos que ali se propõem a produzir conhecimento, o que acontece supera o mero exercício das funções protocolares, não prevalecendo a lógica da competição ou da rivalidade. Muito se pode extrair de tais encontros, aspectos de uma individuação que permite que se mantenha o grupo unido por 20 anos.

O que se observa é que o grau de flutuação da potência do grupo, ao perdurar na produção de efeitos comuns, tem se mantido em um nível de individuação que tem impossibilitado sua dissolução. Um dos pesquisadores considera o GPTEC “um espaço diferenciado de discussão”, mas diz: Nos últimos anos, penso, foi muito contaminado por uma discussão por demais ideológica e partidária”. Porém, apesar dessa crítica, afirmou que as trocas promovidas pelo encontro anual o afetaram favoravelmente. Ainda que alguns não se mantenham no grupo, deixam um pouco de si, o que contribui nas trocas para que se fortaleça a coesão entre os participantes que ficaram.

A categoria de noções comuns tomada como um dos focos desta reflexão não implica que todos devam pensar da mesma forma ou ter as mesmas opiniões, mas que a razão oferece a compreensão da própria causalidade da natureza e conduz à percepção de melhores formas de convivência, ainda que haja discordâncias e diferenças. Não se trata da ideia de igualdade posta pela modernidade, mas de composição, do múltiplo preenchido

Artigo Article

por diferenças, mas produzindo efeitos comuns.

Considera-se que, embora o contato inicial com a escravização tenha produzido afetos tristes na maioria dos entrevistados, individualmente, o poder de afetar e de ser afetado que se estabeleceu possibilitou a produção de afetos alegres em uma composição coletiva. O efeito de alegria resultante da interação proporcionou uma elevação da carga afetiva do grupo, o que contribuiu para um esforço intelectual na direção do que há de comum entre os participantes. A produção de ideias adequadas a partir de aspirações comuns mantém o grupo engajado em ações de combate ao trabalho escravo. Disso resultou grande parte das conquistas em forma de pesquisas e contribuições para a elaboração de políticas públicas, inclusive com mudanças em termos de legislação para o combate à escravização de pessoas.

As reflexões resultantes deste estudo apontam para a capacidade dos bons encontros de possibilitar aumento da potência de ação dos sujeitos no contexto de experiências coletivas. Além disso, sinalizam o desafio de se constituir individuações fortalecidas afetivamente em grupos que elaboram, avaliam e executam políticas públicas, especialmente aquelas de prevenção ao trabalho escravo contemporâneo.

Referências

ANDRADE, Fernando Dias. Impossibilidade da violência na democracia de Espinosa. **Revista Conatus**, v. 4, n. 8, p. 47-53, 2010.

CHAUI, Marilena. **Política em Espinosa**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

CONATRAE. Comissão Nacional para erradicação do trabalho escravo. **Condenação do Brasil pela Corte Interamericana de Direitos Humanos no Caso Fazenda Brasil Verde**. Brasília: Artecor, 2017.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa e o problema da expressão**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2017.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: Filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

ESTERCI, Neide. **Escravos da desigualdade: um estudo sobre o uso repressivo da força de trabalho hoje**. Rio de Janeiro: Cedi-Koinonia, 1994.

FIGUEIRA, Ricardo Rezende. Refletindo sobre o combate ao trabalho escravo na atual conjuntura do Brasil: Tempos sombrios e olhos abertos: o combate ao trabalho escravo. **Combate Racismo Ambiental**, 23 set. 2019. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2019/09/23/refletindo-sobre-o-combate-ao-trabalho-escravo-na-atual-conjuntura-do-brasil/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

FIGUEIRA, Ricardo Rezende; PRADO, Adonia Antunes; PALMEIRA, Rafael Franca. **A escravidão na Amazônia: quatro décadas de depoimentos de fugitivos e libertos**. Rio de Janeiro: Mauad, 2021.

FIGUEIRA, Ricardo Rezende. O trabalho escravo, a exclusão do direito. **O Social em Questão**, v. 2, n. 2, p. 31-53, 1997.

FUGANTI, Luiz. Formação Pensamento Ocidental – Aula 17/32 – Espinosa, o segundo momento do unívoco. **Escola Nômade**, 28 fev. 2016. Disponível em: <https://www.escolanomade.org/2016/02/28/aula-17-espinosa/>. Acesso em: 10 fev. 2023.

GLEIZER, Marcos André. **Espinosa e a afetividade humana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MARTINS, José de Souza. A reprodução do capital na frente pioneira e o renascimento da escravidão no Brasil. **Tempo Social**, v. 6, n. 1-2, p. 1-25, 1995.

SPINOZA. **Ética**. São Paulo: Autêntica, 2021.

SUTTON, Alison. Slavery in Brazil: A Link in the Chain of Modernisation: The Case of Amazonia. **Anti Slavery International**, Human Rights Series, n. 7, 1994.

ROLNIK, Suely. **À sombra da cidadania**: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia. IV Encontro Regional de Psicologia Social da ABRAPSO, São Paulo, 30 maio 1992. Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/homemetica.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2023.

(Endnotes)

1 Nota

O art. 149 do decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940, passa a vigorar com a seguinte redação: “reduzir alguém a condição análoga à de escravo, quer submetendo-o a trabalhos forçados ou a jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto (Lei nº 10.803, de 11 de dezembro de 2003).